

LUIZ COSTA LIMA E A TEORIA DA LITERATURA

HELENICE MARIA REIS ROCHA MESTRE EM LETRAS UFMG

Tomando por base o conceito de mimesis, ancorado na noção de imitação, que ancora todo o pensamento grego sobre a Arte, venho, neste trabalho, discutir este conceito em Luiz Costa Lima que associa mimesis à modernidade. O verbo representativo da identidade, o verbo ser, transforma os dois lados da enunciação(sujeito e predicado)na mesma coisa. Esta operação tautológica perpassa toda a linguagem ocidental desde os gregos.A partir do século vinte,com o advento do cinema e da Arte Moderna, não estamos mais diante da imitação mas do simulacro e da apresentação da imagem. No Cinema cai o verbo de identidade uma vez que as imagens se apresentam de forma sucessiva. Neste momento cai este arcabouço tautológico. Não podemos esquecer das linguagens do Oriente, das linguagens das culturas tribais e de tudo que não é contemplado por este nosso eurocentrismo exacerbado .A mimesis fica então datada como um fenômeno histórico da herança clássica que se vê confrontada com novas formas de expressão.

Quando pensamos que o verbo ser iguala ambos os lados da proposição podemos concluir que temos a ilusão de estarmos nos comunicando. Ora, se o sujeito é igual ao predicado, ambos são o mesmo ,o que se configura num círculo vicioso. A mimesis, cópia perfeita, se é que isto é possível, do referente ,da realidade, já foi superada na modernidade pela fotografia. Não há mais necessidade de referendar a cópia para justificar a Arte. Sobra portanto a criação ,a apresentação da imagem. Na literatura, considerada um simulacro de terceira ordem do mundo das idéias por Platão, nos atrelamos a uma teoria que vem antes do texto em si .O que é este mundo das idéias? Se nos afirmamos por uma idéia como, a não ser pela imaginação ,podemos afirmar que há algo anterior há ela? Se o objeto mesa, por exemplo ,preexiste à realidade no mundo das idéias ,como posso prefigurar a sua forma?

A partir deste pressuposto não posso afirmar o que é ,ou seja, não posso criar um verbo ser. Criado o verbo ser, sujeito e predicado são a mesma coisa. Sendo um igual ao outro não podemos afirmar nada sobre a dizibilidade do enunciado. Portanto, mimesis e modernidade não se encaixam a partir mesmo das novas linguagens operacionalizadas pela dita modernidade.

Se ,a partir do verbo ser, ambos os lados da proposição são a mesma coisa, podemos dizer que o sujeito é igual a si mesmo caindo assim numa armadilha tautológica que nos reduz a apenas um dos lados da proposição .Se ,segundo Aristóteles, a Arte Escrita ,como toda Arte é apenas imitativo ,começando a escrever, na ausência total de opções, o escritor não terá uma referência de imitação. Então só poderá recorrer à diegesis, ou seja ,a criação. Podemos dizer que a mimesis é intrinsecamente contraditória e não se sustenta a partir mesmo de seus próprios pressupostos .É portanto temerário estabelecer um projeto de mimesis e modernidade. As linguagens da modernidade muitas vezes eclipsam o verbo ser .No surrealismo ,por exemplo, o automatismo psíquico é tão rápido que, no mais das vezes, se transforma em imagens que se sucedem ,sem nenhuma ligação com o verbo ser Na poesia concreta as imagens se sucedem também sem nenhuma ligação com o verbo ser. A modernidade não funciona de maneira ontológica mas de maneira associativa .Os irmãos Campos, no seu projeto de uma poesia concreta, sugerem até a substituição do verbo ser por verbos de ação.

Se pensarmos na possibilidade de imitarmos a realidade coloco aqui um desafio .A realidade muda o tempo todoImitar o tempo da realidade significa pensarmos que quando estivermos bordejando este tempo ele já passou O mesmo se pode dizer com relação ao espaço Suponhamos que eu vá fazer a mimesis de uma paisagem através da escrita Ela tem uma árvore, um banco e grama No momento em que vou fazer a descrição entra um animal Ou vários A descrição já não é mais fidedigna. O hábito de fazer memórias implica, às vezes em descrições inexatas, erros de descrição e uma série de eventos que nos levam a crer que a lembrança é fluida. Se a movência da realidade torna a conceituação de mimesis inexata o termo verossimilhança, usado como constitutivo da categoria romance, só pode ser usado como hipótese. Funciona como algo que parece realidade e não é. Neste caso mimesis, detentora da característica da verossimilhança, não pode ser usada para todos os gêneros literários. A descrição histórica, por exemplo,

Se pensarmos que existe uma verdade imanente ou transcendente que a mimesis possa alcançar resta saber qual verdade é esta já que o campo está livre Luiz Costa Lima define verossimilhança na categoria romance como algo que é da ordem da ficção e que soa como verdade. Ora, se o modelo aristotélico de linguagem pressupõe que os dois lados do axioma são iguais a verossimilhança será substituída por uma tautologia Mesmom pensando na ficção como uma verdade inventada esbarraremos com o verbo ser igualando pela identidade os dois lados do axioma. Podemos pensar que o romance tenha uma realidade imanente se lembrarmos que estamos imersos num caldo de cultura, num mundo real que no mais das vezes é ficção ,uma vez que somos atores da nossa história. Podemos pensar também que o romance emerge de uma verdade imanente ou transcendente mas qual seria esta verdade é a questão. Seria, talvez a verdade assinalada no texto do romance mas o romance, seguindo aqui as pegadas da Análise do Discurso tem um não dito ,um implícito ,que aponta também para um autor implícito, com seu lugar de enunciação, suas preferências ,sua história. Esta verdade imanente ou transcendente ficará então sem lugar e uma leitura fantasmática ocupará então este lugar.

Saber se a verdade corresponde à realidade ou vice versa determinará o lugar da mimesis .Caso não haja esta correspondência é necessário saber se a mimesis pode ser considerada ficção .Se a referência da ficção é a realidade oque ocorre é uma transgressão que acrescenta ou tira elementos da mesma acrescentando um fato novo .Neste caso não pode ocorrer uma mimesis nem da verdade nem da realidade .A verdade sobrevive como conceito e todo conceito pode ser negado .Assim sendo ela será o oposto de si mesma o que torna a mimesis uma via de mão dupla .Pode ser ou não ser a verdade. Ser é não ser o que é uma tautologia e ao mesmo tempo uma contradição. Torna-se impossível, quase ,sem ir às fontes primárias, decidir-se pela mimesis num gênero jornalístico. Se, no conceito de verossimilhança, tal como é enunciado em Luiz Costa Lima, realidade é o mesmo que ficção estamos diante de uma armadilha teórica que iguala realidade e ficção.

Se fizermos um deslocamento semântico em direção ao verbo parecer, ou seja ;parece realidade mas não é estaremos lidando com algo que aspira a ser realidade e não ficção .Neste caso o conceito de verossimilhança não se sustenta diante da realidade da ficção. Poderíamos afirmar :não se parece com a realidade. Neste caso de onde emergiria este texto soa como pergunta .Não somos uma tábula rasa de onde emerge o sexo dos anjos .Proponho aqui o texto como realidade em si. O texto como escritura. A verossimilhança do espaço e a verossimilhança do tempo aspiram ainda a ser realidade o que afasta este conceito da realidade da ficção. Talvez fosse mais apropriado dizer que o texto ficcional se parece com a ficção e não com a realidade.

Vou lidar agora com dois conceitos que chamarei de mimesis do centramento e mimesis do descentramento.Considerarei que a mimesis do centramento toma o real como cânon .Neste sentido volta uma pergunta que já fiz: de onde emerge o real. Se for um texto histórico, emerge do passado ,com todas as distorções que isto pode trazer. Se for um texto jornalístico, o real emerge do momento e muda o tempo todo o que torna difícil a mimesis. Uma mimesis do descentramento implica na abordagem de uma realidade que desafia o cânon,o stablishmant Não sei se poderíamos chamar de mimesis a reprodução de algo que já é o simulacro de um modelo. Portanto ,a mimesis se vê embaraçada com o próprio funcionamento do que chamamos de real .Além do mais resta a pergunta que nos remete à impossibilidade de reproduzir de maneira perfeita qualquer modelo. Portanto ,a noção de mimesis já é de si um conceito difícil de se ajustar à uma ordem de coerência.

Se as duas partes do axioma criado para abrigar o verbo ser são a mesma coisa talvez seja interessante saber qual das partes incorpora a significação do pensamento hegemônico. Certamente aquela que abriga o atributo de ser. Significa que aquele que é carrega o poder da verdade atributo por excelência de um poder hegemônico ,qual seja, carregar a verdade imanente ao verbo ser. Pensando na Análise do Discurso que atribui ao enunciador um interesse acredito que a afirmação aristotélica que diz ser não tem a marca da inocência mas tem sim, os sinais do poder daquele que enuncia .Portanto a verossimilhança tem a marca da verdade que se quer como afirmação e poder.

Segundo Bhabha...."Não passará a linguagem da teoria de mais um estratagema da elite ocidental culturalmente privilegiada para produzir um discurso do Outro que reforça sua própria equação conhecimento-poder"(BHABHA,1998:45)
A noção de verossimilhança reforça esta tese na medida em que reduz o outro, pela operação de semelhança, a si próprio .Se, verossímil é aquele que se parece com o que afirma o que é, uma gama expressiva de poder engloba aquele que é .O poder da Lei, o poder da verdade ,o poder da realidade, poderes esses que estabelecem o lugar do stablishment àquele que afirma o que é. Enunciador do estabelecido, do que vai ser possível, do poder de ser. O sujeito desta enunciação goza de uma série de privilégios uma vez que determina, entre outras coisas os estatutos acima referidos. Resta saber quais são os interesses imanentes a estes estatutos. E que tipo de humanidade os legitima .A estrutura da linguagem não é neutra em relação ao que lhe é imanente. Reflete poderes políticos, econômicos, sociais e de classe que explicam o seu funcionamento.

O conceito de verossimilhança em teoria da literatura diz que ,mesmo um absurdo tem que soar como verdade. A verdade não é neutra. Tem como imanência uma série de posições e interesses. Neste sentido o princípio da verossimilhança se aproxima da realidade ,que é o contrário de ficção. Quero ponderar aqui se este conceito, tal como é formulado, é pertinente à teoria da ficção. A pergunta que faço é se a ficção incorpora valores do discurso hegemônico ou se aprofunda a realidade .Não é possível refletir a realidade de uma forma especular porque não se propõe a ser igual à realidade mas a parecer com ela .Assim sendo funciona como um simulacro da mesma que pode ter como imanência o discurso hegemônico. Segundo Luiz Costa Lima....."

verossimilhança(...)sempre resulta de um cálculo sobre a possibilidade real contida pelo texto e sua afirmação depende menos da obra que do juízo exercido pelo destinatário. A obra por si não se descobre verossímil ou não .Este caráter lhe é concedido de acordo com o grau de redundância que contém. (Luiz Costa Lima, Estruturalismo e Teoria da Literatura,Vozes,1973); Se é verdade o que se diz,o juízo do destinatário cria um texto fantasmático que não é neutro. Vem carregado de posições que podem substituir a obra e criar uma outra .A redundância pode recair em vários significados imprevisíveis, portanto não há o

que dizer sobre esta afirmação” .O próprio Luiz Costa Lima reconhece, no prólogo ao seu *Mimesis e Modernidade* a possibilidade de obscuridades ,inconsistências ,contradições. Todavia ,desejo retomar aqui algo da ordem da consistência teórica. Está em quando afirma que a mimesis está a serviço da imitatio entre colonizadores e colonizados, inicialmente entre os primeiros impérios colonizadores, posteriormente entre impérios colonizadores pós modernos. Todavia reconhece a impossibilidade da mimesis na cultura grega quando, nesta cultura se esbarra com a "teia iluminadora da razão"(Heráclito),com Aletheia e a vontade dos Deuses. Neste caso não há a possibilidade de uma imitatio, mas, simplesmente da vontade dos Deuses representada pela luz. O pensamento mítico determinando ideologicamente a realidade. Neste caso o soberano e os guerreiros seriam os representantes da luz da verdade e meros representantes da mesma ,sem voz ou desejo pessoal. Resta saber a que estrutura social, política e econômica esta luz estaria atrelada. Entretanto se a mimesis opera pela imitatio, o modelo também pode ser um representante do poder hegemônico .Cumprir saber em que momento se instaura a sombra ,o conflito ,a ambiguidade representada no pensamento grego por Lethe, ainda a vontade dos Deuses ,que também engana e falseia, mas determina

Em seu livro *Mimesis e Modernidade*, Luiz Costa Lima descreve a relação dos camponeses com os aristocratas guerreiros ,latifundiários. Os camponeses eram obrigados a pagar suas dívidas tornando-se escravos. Num determinado momento ,Sólon, um novo líder ,elimina este procedimento e constrói uma comunidade mais democrática. Mesmo assim isto não modifica a estrutura de uma sociedade estruturada em senhores e camponeses e é curioso saber se a verdade dos Deuses era revelada aos camponeses Verossímil na concepção grega é algo próximo da verdade e a verdade, na nossa herança clássica é fruto de uma revelação dos Deuses que era outorgada aos aristocratas. Segundo Costa Lima a mimesis não é uma reprodução *ipsis literis* da realidade mas uma nuance de significado que se aproxima e se distancia da mesma Todavia não é a realidade Não está no centro do poder decisório Não decide Resta saber se, na ficção esta nuance está a favor de um poder hegemônico ou a favor de um poder oprimido Costa Lima ainda diz que a mimesis é impossível diante da verdade dos Deuses mas o que pretendo neste estudo é menos saber o lugar da mimesis do que saber em que momento a mimesis reproduz a lógica de um poder hegemônico

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DERRIDA Jaques.Gramatologia.São Paulo:Perspectiva,1973.**
HEIDEGGER,Martim.Heráclito.Rio de Janeiro:Dumará,1998
BHABHA,Homi K. O Local da Cultura.Belo Horizonte:UFMG,1998
COSTA LIMA,Luiz.Mímesis e Modernidade.São Paulo,Editora Paz e Terra ,2003.
HALL,Stuart.Identity Cultural. São Paulo:Fundação América Latina,1987.